

Editorial

Caros Leitores,

O segundo número da Revista Brasileira de Alfabetização apresenta uma configuração especial. Nele, o leitor irá encontrar discussões sobre a alfabetização distribuídas em três sessões: um *klipping* de cinco artigos, uma entrevista com André Chervel e três ensaios sobre a Base Nacional Curricular Comum.

Abre o *klipping* de artigos o trabalho intitulado “Literacia, inovação, inclusão – perspectiva histórico-pedagógica”, de autoria de Justino Magalhães, professor do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. O artigo apresenta, a partir da combinação dos conceitos de literacia, inovação, inclusão, uma genealogia histórico-pedagógica sobre o complexo de literacia escolar, inovação técnica e alteração do modo de produção, inclusão e uma defesa da relevância da cultura escrita e da literacia escolar na sociedade da informação e do conhecimento como meio de cidadania e democracia, com respeito pelo multiculturalismo, pela diversidade e pela inclusão.

O segundo artigo, de Heloisa Andreia de Matos Lins, da Universidade Estadual de Campinas, intitulado “Escrita e alteridade: reveses para a inclusão e educação de crianças surdas”, discute a surdez na atual política educacional na perspectiva inclusiva. O texto apresenta os resultados de uma pesquisa que seguiu os contornos de um estudo de caso na educação infantil, de cunho etnográfico, que mostra a priorização da língua portuguesa em detrimento da LIBRAS, apontando para uma dupla colonização da infância surda: a realizada pelos adultos e ouvintes.

O terceiro artigo, “Para além das palavras: *espaços* de inclusão da criança na cultura letrada”, de Ilsa do Carmo Vieira Goulart, da Universidade Federal de Lavras, discute, no aspecto teórico e ideológico de usos da língua, a concepção de letramentos, ancorando-se em Soares (2001a, 2001b, 2002) e em Street (1984, 2003), e as propostas teóricas e metodológicas a partir das múltiplas linguagens balizadas pelos documentos oficiais para a Educação Infantil.

O artigo “Produção de textos na alfabetização”, de autoria de Dania Monteiro Vieira Costa, da Universidade Federal do Espírito Santo, aborda a possibilidade de as crianças escreverem textos na alfabetização. As discussões apresentadas pela autora são efetuadas a partir de resultados de uma pesquisa realizada com crianças de 6 a 7 anos de idade em instituição de ensino fundamental da rede pública de Vila Velha-ES em 2011. O texto mostra com dados sólidos que quando incentivadas a escrever, as crianças produzem textos para se relacionar com o outro realizando, assim, seus projetos discursivos por meio da escrita de

enunciados escritos carregados de suas histórias de vida, seus conflitos, afetos e desejos e durante esse processo dialogam a respeito de suas ideias sobre o sistema de escrita, refletindo sobre os aspectos discursivos e linguísticos da linguagem escrita.

O último artigo do *klipping*, é de autoria de Sérgio Haddad, da Universidade de Caxias do Sul, e de Filomena Siqueira, da Fundação Getúlio Vargas. O trabalho aborda o analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil e mostra como suas políticas de erradicação vêm avançando nas últimas décadas de maneira lenta e frágil. Nesse contexto, os autores discutem sobre as dificuldades de se fazer avançar a efetivação do direito à educação de jovens e adultos.

Em seguida, a RBA, neste número, traz a importante “Entrevista com o professor e historiador André Chervel”, realizada por Bárbara Cortella Pereira de Oliveira. A entrevista focaliza, a partir das contribuições do entrevistado, a história da formação de professores primários para o ensino inicial da leitura e escrita, no século XIX, na França.

A RBA finaliza com três ensaios de pesquisadores que discutem a Base Nacional Curricular Comum: Artur Gomes de Moraes com o trabalho “Base Nacional Comum Curricular: que direitos de aprendizagem relativos à língua escrita defendemos para as crianças na educação infantil?”; Cláudia Maria Mendes Gontijo com a discussão intitulada “Base Nacional Comum Curricular (BNCC): comentários críticos” e Maria do Rosário Longo Mortatti com o texto “Essa base nacional comum curricular: mais uma tragédia brasileira?”.

Neste segundo número, com esses trabalhos, o leitor irá encontrar a alfabetização sendo discutida sob diferentes enfoques e perspectivas, valorizando a diversidade de posições e filiações teóricas e metodológicas, que é a política editorial da Revista. Esperamos que nossos leitores, a partir das discussões apresentadas, sintam-se motivados a fortalecer cada vez mais as pesquisas no campo da alfabetização. Vida longa a ABAIf e a RBA!

A Comissão Editorial

Junho de 2015.